



POESIA
&
CIDADE

ensino médio 2018

Projeto de Investigação

Poesia & Cidade

Durante o primeiro semestre de 2018, propus aos alunos do projeto de investigação que estudássemos a poesia brasileira contemporânea em sua relação com o espaço urbano, ou melhor, o modo pelo qual ela o representa. Antes de chegar a ela, no entanto, começamos pela retomada da poesia brasileira dos séculos XIX e XX, com o objetivo de montar um quadro mais amplo de discussão. Dentre as possibilidades de trabalho de aproveitamento, e para a minha satisfação, os alunos escolheram a de criação, expressando o seu olhar sobre a cidade de São Paulo através de poemas, fotografias, pintura e colagem. O leitor, portanto, tem em mãos o desdobramento de uma experiência, que enxergou nas formas da arte o ponto de encontro com a cidade. Boa leitura!

Prof. Carlos Martin

Índice

Heitor de Souza Miranda & Luisa Broc

Onde o mundo começa	4
Intervenção musical na praça esquecida.....	5
Renovação	6
Portal	6
Sorvete de asfalto.....	7
Me deixa em paz	8
Refúgio	9

Alice Galembeck Essenfelder..... 10-11

Bento Idemori Gomes

São Paulo	12
O poema mais bonito da cidade.....	12
Marco zero	13
Aquele prédio de janelas azuis	13

Lola Costi Martín

Ilustração	14-15
Lendo no trem a caminho de casa.....	14-15
(Alberto Martins)	

Luisa Fernandes Turna

Sarah Rosenberg Dakuzaku

Poesia & Cidade

Onde o mundo começa



Heitor de Souza Miranda & Luisa Broc

vôo como a toalha
que de maneira estranha
engole o vento subitamente e
torna-se bandeira do
apartamento-nação.
estico o pescoço para fora da
casca de concreto
como o guarda-chuva
conhecendo o céu nu
pela primeira vez.

o meu braço sente
a imensidão de seus
colossos inconcebíveis.
acende-se o cigarro
do outro lado
seu brilho de
morte
já cai
em cinzas.
a fênix defeituosa.

a cortina
a borboleta presa por destino
ensinou-nos a não ver
hoje, seu passeio de domingo.

não caio feito o ovo que
quebrou-se no asfalto.
a (falta de) vida e a cidade.

Intervenção musical na praça esquecida

A memória mutante
de luz solar infinita
crepita entre os ventos,
colossal ausência
profunda de sentido, onde
esquecimento, lembrança,
concreto rachado,
asfalto inclinado.
Espaços à parte, juntos.

Seus braços estendem-se em
azul esparsos
do abismo inverso,
enraizados em rocha bruta.
Nascidas as forças e alturas

Me encontro rouco
com o roubo das minhas palavras.
Audiência inesperada,
metade orgânica,
a outra calcário.

Esqueço os sinais de sua fadiga
céu que se encerra em show de tons
dourados e brilhos abertos.
Um homem fecha a sua janela
de silêncio enclausurado.

Ensaio mais uma canção
às luzes esquecidas e às estantes
que aqui me vêm olhar
da praça secreta, abaixo de tudo.



Renovação

coroa de espinhos
no reino da morte.
o abutre
pútrido lança
suas garras
no alto
da torre
negra.

sua pele
rota se extrai
como casca
deixando-nos
as feridas
abertas da
falta de vida.

anormal e lentamente
ergueu-se também
a morte do dia.
corre e se arremessa
subitamente
por entre um
vazio inexpressivo
sem horizontes.

Portal

Janela, não esqueça
as minhas memórias,
pois a ingenuidade
de falar contigo,
quando não passa
de uma passagem,
me traduz e respira
inabalada, cidade.
Foi aos edifícios que me referia
como plateia para
devaneios que serão sempre
esquecimento,
reflexo inconstante
de criar-me à tua imagem.
E ainda não se esqueça
que teu significante
há de esperar as chuvas,
tempestades de lembranças
em nuvens transitórias.

Sorvete de asfalto

vem a garota
com o sorvete na mão
do tipo rosabranco
e granulados policromados.
passa o reflexo
cristaliza seus olhos
chama aos pássaros
e prova do calor
ardente
este afogou-se
nas fendas
caminhos de poeira
e insetos.

de repente
vindos dos céus
anjos, em puro lume
potentes como máquina.
o reflexo se vira
contra o homem que o admira
penetra os olhos
em um pequeno segundo.
pequena garota
estremece o viaduto.

a garota mira o sorvete
chão quente
o sorvete e o asfalto
rua rosada
cinza gélido
derrete.



Me deixa em paz

pediu-me encarecidamente
um momentinho,
passo
largo
fundo,
procuro vazios
(cavidades espaciais
entre ritmos
incessantes)
para esconder-me
de minha própria
desgraça,
urbanidade a mil.

sou cidadão
infelizmente
nunca ouço nomes
em fluxos
corpóreos,
colagens sem sentido.

o vozerio imensurável
atordoa-lhe os ouvidos,
retira sua face
e com frieza,
fez-se a verdadeira
pilastra (não) humana

o desviar do obstáculo,
o imóvel desconhecido
e uma resposta mecânica.

não, obrigado
tô com pressa.

Refúgio

tiro os sapatos
deixo a porta
toda a correria
pés nús, taco frio

oito horas que pesam oito dias
oito anos em peso bruto
que se dissipa
assim que se suspira

debruço

caos quase apalpável
mas que em nove grandes saltos
se deixa à deriva
algumas horas por dia

claro, luzes de neon
conversas alta e
janelas insones
e um sequestro

que se deixa escapar

o olhar protesta
o corpo farto
me leva para o único lugar
de desejo profundo

em cinco vistas
ou pensamentos
observaria de longe
seis anos de saudade

ah, o pensar é físico
o vento invade
e a sujeira pouco importa
quando se sonha

toda a noite
pés nús, concreto molhado
dentro do conforto
do taco agora aquecido.

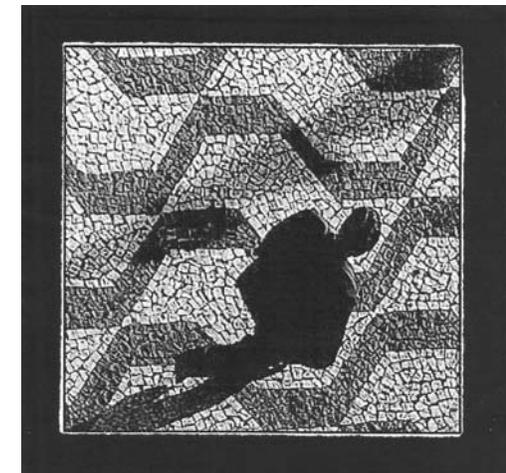


Alice Galembeck Essenfelder

São Paulo, cidade luz
 Paulo Cida Luiz
 São Paulo, cidade
 Ansiedade
 São dade
 Saudade
 Sanidade?

(autenti) Cidade
 au dade
 saudade
 da
 simplicidade na
 (autenti)
 cidade

Cidade
 Agilidade
 Amizade
 Autenticidade
 Ansiedade
 Amovabilidade
 Ambiguidade
 Assiduidade
 Cidade



São Paulo

São Paulo

Bento Idemori Gomes

Cada vez que olho pela janela
a cidade e as pessoas que vejo
me parecem mais cinzas e distantes.

O poema mais bonito da cidade

Quando eu jacu, você erudição
quando você hindu, eu vacaria.
Quando eu caligrafia, você computação
quando você alegria, eu frustração
quando eu minoria, você população
quando você despótico, eu cidadão.

Marco Zero

Aqui no Marco Zero
uma criança me diz:
“Minha família vem daqui”
apontando para Minas
e tira uma foto,
não sem antes mostrar-me a igreja.
“Ei! Olha que igreja grande!”
e tira uma foto...

Aquele prédio de janelas azuis

Aquele prédio de janelas azuis
Me chama todos os dias de manhã
Com uma imagem perturbadora.
Afinal, quem tivera a ideia de colocar
janelas espelhadas num prédio?

Lendo no trem a caminho de casa

Alberto Martins

nascida
na beira do pântano, no meio
de gente rude, criada
para dar nome
às cabras
e cultivar terras inóspitas

daí, dizem
os filósofos, tantas metáforas
agrárias, nesta língua
em que uma página
antes de ser

página do livro que estou
serão estacas
fincadas na terra
- entre elas se espalham
as ramas da parreria
língua em que feliz
é a árvore que produz; caduco
o fruto que cai; delírio se diz

do grão que brota
fora do sulco
(isto é, da lira
pois esse é o nome da linha
do rego
da vala
rasgada no chão
para o germinar das sementes)



língua que, como diz
um eminente linguista português,
seguiria ordenando guerras e colheitas
não tivesse ela própria
“cindido-se desvairadamente
em cabos
rocas
oceanos inteiros
a ponto de parir toda uma geografia
e florescer no extremo do extremo

a ponto de florescer aqui
neste trem
nesta janela
junto às águas negras
do pinheiros
(água que me fala
tão de perto, rente à pele
dos ouvidos, fragmento
de conversa, soluço
entrecortado de trilhos
“eu me viro, eu me viro”)
enquanto
a caminho de casa
folheio as páginas de um livro

Ilustração: Lola Costi Martín



Meninos

mimados

não

podem

reger

a

nação

Meus meninos são o que você teceu

Cidade podre, solidão é um veneno

Não, eu não aceito essa indisciplina

Eu não quero viver assim, mastigar desilusão
Este abismo social requer atenção
Foco, força e fé, já falou meu irmão

Em resistência ao mundo que Deus deu

Luisa Fernandes Turna

"TRENDS URBANOS
NÃO SÃO COMO OS RATOS OU OS VIRA-LATAS.
NUNCA DESVIAM OS TRENDS.
ESTE SEMPRE ACOMPANHA O RIO MORTO.
AQUI DENTRO, UNS LUTAM PRA DORMIR, OUTROS, PARA ACORDAR.
UNS ACHANDO QUE A VIDA É PREPARAÇÃO PRA MORTE
OUTROS, QUE A MORTE É O MOTOR DA VIDA.
OUTROS NÃO ACHAM NADA. SOBREVIVEM.
OS MEUS BOTÕES PENSAM:
MORTE EM VIDA É QUE É O PROBLEMA
COCTEAU PENSAVA ALÉM: A VIDA É UMA QUEDA NA HORIZONTAL.
O TREM PARA, A PORTA SE ABRE. NA FALTA,
QUALQUER RUA, PRA MIM, É RIO."
- RUY PROENÇA

"AUSCHWITZ É EXATAMENTE O LUGAR EM QUE O ESTADO
DE EXCEÇÃO COINCIDE, DE MANEIRA PERFEITA, COM A
REGRA, E A SITUAÇÃO EXTREMA CONVERTE-SE
NO PRÓPRIO PARADIGMA DO COTIDIANO."
(O QUE RESTA DE)
AUSCHWITZ, 57

Se o pensamento nasce livre aqui ele não é não

Palavras da sua boca,
dos lábios vermelhos,
saíam do mesmo ritmo
que a fumaça de seu cigarro.

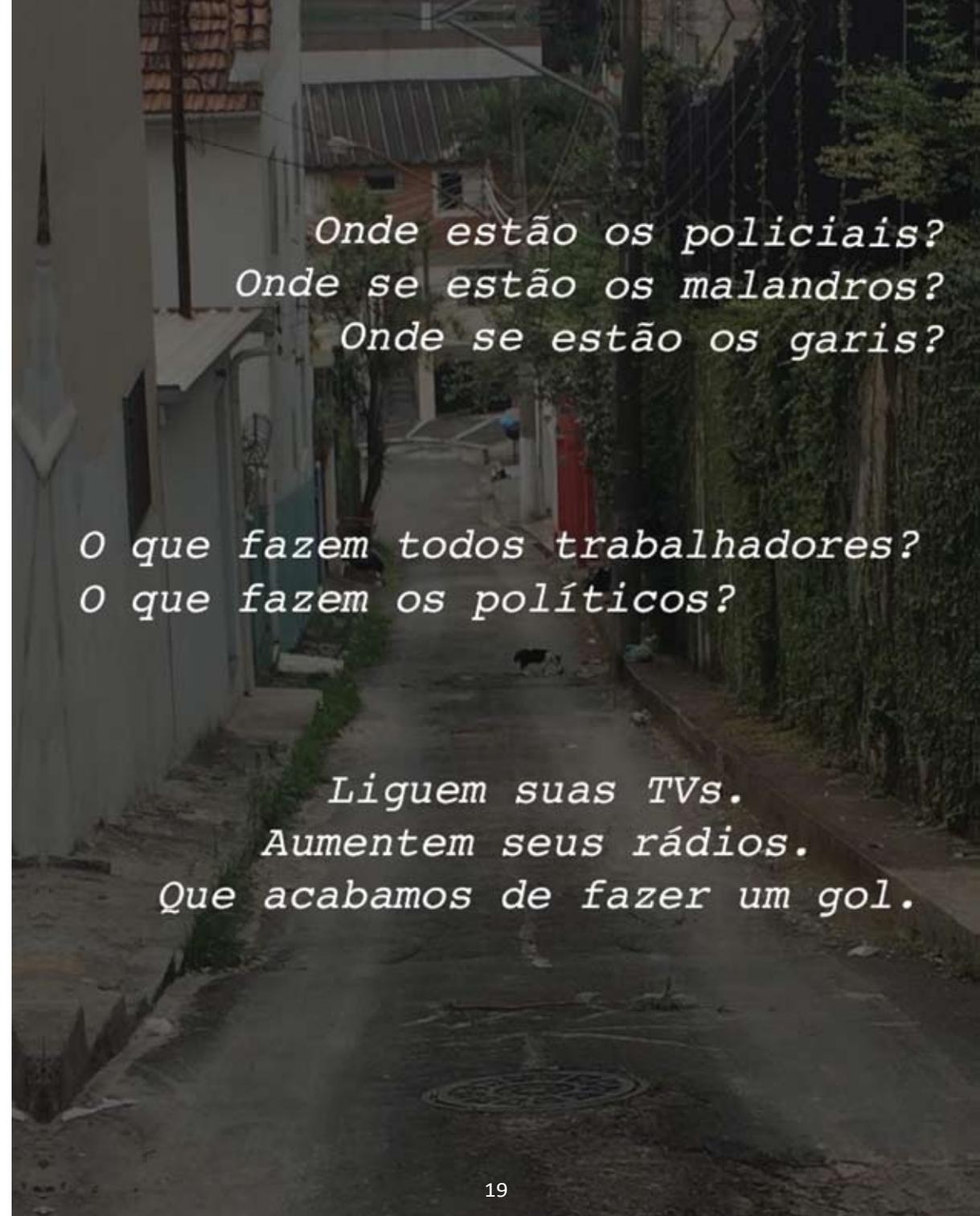
Ambas permeiam em seu olhar frio,
negociando quanto vale seu afeto.

Sarah Rosenberg Dakuzaku



Das janelas em que se via a liberdade,
ao se aproximar,
se achava o abismo da cidade.

Os únicos braços familiares
que te acolhem para dentro do lar
são as grades frias da janela.



*Onde estão os policiais?
Onde se estão os malandros?
Onde se estão os garis?*

*O que fazem todos trabalhadores?
O que fazem os políticos?*

*Liguem suas TVs.
Aumentem seus rádios.
Que acabamos de fazer um gol.*

Projeto de Investigação Poesia & Cidade
Prof. Carlos Martin

Coordenação Pedagógica / Ensino Médio
Luís Fernando Weffort

Fotografias da Capa
Heitor de Souza Miranda & Luisa Broc

Projeto Visual
Priscilla Nannini



COLÉGIO SÃO DOMINGOS

Associação Cultural São Paulo

Rua Monte Alegre, 1083 :: 05014-001 :: São Paulo-SP
www.sdomingos.com.br :: tel/fax: (11) 3676-0488